

Infância e cena contemporânea

Espacializar imaginações de muitas infâncias possíveis (e outras tantas impossíveis)

Entre o final do ano de 2018 e início de 2019, me comprometi a organizar uma seção temática para a *Revista Pós*, uma vez que, naquela altura, iniciava-se um novo ciclo de coordenação editorial, momento em que se contornam possíveis temas e se convidam os professores que serão parceiros durante os três anos de gestão. Ao ser convidada a colaborar junto aos futuros editores, desejei tematizar as relações entre infância e cena contemporânea, no sentido ético e filosófico, a partir das noções de infância não concebidas por idade ou faixa etária, mas, antes, como um estado, um modo de ser e estar no mundo, anúncio ou prenúncio do novo.

Obviamente nem sonhávamos com uma pandemia mundial, e de longa duração, e as interferências radicais nos âmbitos cotidianos dos mundos de vida das crianças, bem como nas relações adulto-criança, com a marca imensa da impossibilidade de ir à escola, a sombra do luto nas famílias, e, ainda, a cruel estatística em alta dos maus tratos a crianças, chegando a casos de morte por espancamento e acidentes fatais infantis (pular ou cair pela janela? – acontecimento recorrente em casas de crianças brasileiras de diferentes idades entre 2020-2021), marcando indelevelmente as relações por aumento da violência e criminalidade adulta contra a criança. Também até maio de 2021, trinta mil crianças tentaram entrar sozinhas nos Estados Unidos da América, uma forma de migração desesperada e terrível; o aumento da miséria no Brasil é patente; desnutrição e morte de crianças indígenas nos assombram. Com oito anos de idade, uma menina Yanomami, da aldeia Maimasi em Roraima, sofrendo de malária, foi levada ao hospital, pesando doze quilos e meio (fato noticiado em maio de 2021, triste imagem, que correu o mundo, da menina desnutrida deitada em uma rede na sua tribo).

Para elaborar a chamada definitiva para a seção temática, dois anos depois do pré-convite, percebi como era necessário abrir o leque de possibilidades, de modo que a “cena contemporânea” fosse – tal qual o biscoito de Alice no País das Maravilhas – aumentada e diminuída, ampliada e minimizada, de modo que pudéssemos aceitar todo tipo de escrita que dialogasse com o momento pandêmico (mas não apenas). Daí escolher remeter-me às palavras, escritas no plural: percursos; afluentes; entroncamentos; raízes – escolhendo ainda, como fonte imagética para a chamada, uma gravura em metal do artista Valdir Sarubbi (1939-2000), pintor e gravurista cujo universo pictórico trabalhou poeticamente com a água de sua própria infância paraense, com a presença intensa de canoas, rios, igarapés, geografia que culmina, em sua obra madura, na abstração, pelo uso sutil e expressivo de pingos e luminosidades.

Ao final, os textos aqui reunidos trabalham horizontes diversos, entre a tradição – embora recente, mas já estabelecida – dos Estudos Sociais da infância, nos quais o papel do historiador Philippe Ariès é central, terreno preparado para a sementeira de um olhar plural para as crianças e para a infância: perspectiva avessa àquela desenvolvimentista, pois não pensaremos a criança por fases ou faixas etárias, modo de pensar no qual a infância seria apenas um tempo, conciso, de vida, mas, antes, abriremos portas e janelas para um espaço: um lugar, um horizonte que convida à habitação. Lugar que proporciona diferentes ocupações: por meio do pensar histórico e filosófico; pelo fazer artístico, seja na pedagogia, seja na arte espetacular; pelo viés contemporâneo no qual podemos considerar a criança como *performer* – de si, com o outro no mundo. Está aberto o leque de possibilidades que os oito textos apresentarão a você, leitor. Quiçá esta perspectiva múltipla nos faça melhores adultos, para pensarmos arte, políticas públicas efetivas e relações sociais afetivas, *entre* adultos e crianças.

*

O leque, agora aberto, ventila por quatro eixos. Apresento-os retomando as palavras escolhidas para o chamamento da Revista:

• **Raízes:** abordagem histórica e a noção de arquivo

Vou tomar a palavra *raiz* por seu significado mais direto: a raiz fixa a planta no solo. Penso que os textos escolhidos para compor este eixo, e que abrem a seção temática, enraízam o percurso que virá, por meio de cuidadosos modos de escritas filosóficas que dimensionam o tempo, apontando para a responsabilidade adulta na construção das noções, plurais, de criança e de infância. Nesse agrupamento, o leitor vai encontrar-se com Joana Nascimento, com Caroline Rochefort e Carolina Clasen. Joana Nascimento, pesquisadora portuguesa, autora do texto que abre a sessão temática, intitulado “O assomar das intimidades na infância: um problema educativo”, discute e historiciza a noção de infância, o modelo de família e as instituições hierárquicas, fundantes da oposição adulto-criança, e nos convida a uma alternativa, em suas palavras, “a infância não confinada à criança”, de modo que o conceito de intimidade faça parte da “desmontagem crítica do discurso normalizado”. A autora mostrará a possibilidade da intimidade da criança na construção de uma materialidade plástica: o livro de artista nas práticas educativas. As duas outras autoras, Caroline Rochefort e Carolina Clasen, atuantes em um projeto extensionista da Universidade Federal de Pelotas, o Grupo Patafísica, em seu texto “Experiência em arte: arquivo, infância e narrativas”, captam gestualidades no papel de “mediadores”, em sintonia com Alfred Jarry que, segundo elas, definiu patafísica por “ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções”. Creem em um “modo de existir crianceiro” e buscam não o visível, mas “o que está entre as camadas”. Junto a seus enigmas, o leitor adicionará seus próprios, uma vez que o texto nos lança a pergunta: “Quem narra, o mediador ou quem é mediado?”. Assim, seja pelo livro de artista, seja pelo paradigma patafísico de mediação, visitamos experiências singulares que dizem algo da criança parceira da criação adulta, embora insurgente e porta-voz do novo, coisas quase sempre esquecidas pelos adultos.

• **Percursos:** escola e artisticidade

Vou considerar neste eixo percursos tais como rotas e roteiros da arte e do teatro na escola. Os dois artigos nos levam a possibilidades para além da aula de artes: revelam a riqueza da expressividade da criança e a atitude adulta necessária para que os rumos sejam compartilhados, em destinos ainda em aberto. O primeiro texto, “Teatralidade instalada: aproximações entre o teatro e os modos de ser e estar da criança”, escrito por Adriana Silva, comenta a prática de dez anos da autora na Edu-

cação infantil, focando em um ano específico de seu trabalho e mesclando depoimentos poéticos de observação de um sobrinho, pensando a criança como coautora de tessituras espaciais e sensoriais, imersa na noção de espacialidade das instalações tal como concebidas por artistas contemporâneos. O segundo texto, “Uma aventura de um educador-artista / Ensino de Artes Cênicas nas Séries Iniciais”, escrito a quatro mãos, por Theda Cabrera e Francisco Souza da Silva, nos convida ao ensino de arte em busca de um contato menos engessado por um currículo escolar e mais próximo das crianças mesmas, processo no qual os autores se espantam com as possibilidades que essa atitude, aparentemente simples, abre nas relações entre o professor-artista e seus alunos. Nesse sentido, os dois artigos deslocam o ensino de arte das metodologias majoritárias para praticar as poéticas próprias de seus autores, entre altos e baixos, entre dores e delícias do cotidiano do artista-educador.

• **Entroncamentos:** infâncias e cena contemporânea expandida

Pensem comigo nos entroncamentos como pontos nos quais se encontram duas ou mais possibilidades. Neste eixo, o encontro será entre a arte espetacular com a criança – podendo gerar incômodo com a revisão da tradição, seja de um espectador parado em sua cadeira, seja de um ator que desconhece a potência e a teatralidade das crianças. O primeiro texto, escrito por Suzana Schmidt, “A obra cênica como experiência estética para a primeira infância: a trajetória poética-pedagógica do Núcleo Quanta”, trabalha com os anos iniciais como “potência criativa”. Brincar, jogar, habitar o espaço de jogo, a partir do que a autora nomeia por “processo artístico da dança-instalação”, pesquisa sua desde 2010 que une artes cênicas, artes visuais e música, revela sua importante caminhada na direção da criação com crianças (versus a criação para crianças). Seus dispositivos cênicos são o corpo, o espaço, o movimento, a ação e o jogo, as artes plásticas sonoras e as visualidades, em nome das assim chamadas “fontes de fantástico” que banharão as crianças pequenas. O segundo texto, submetido em francês e assim publicado, escrito por Rodrigo Scalari e intitulado na língua portuguesa “Quando o teatro encontra a infância: contribuições da Children’s School à pedagogia do ator na École du Vieux-Colombier”, apresenta a riqueza que é fazer foco na criança e na infância para as artes da cena, com base em uma rara e cuidadosa pesquisa documental do autor, debruçado sobre arquivos originais do Vieux-Colombier, diários da atriz e aluna de Coupeau, Suzanne Bing, e outros manuscritos, cujo resultado revela riqueza para o trabalho do ator, para o

desenvolvimento do teatro, e para o aperfeiçoamento tanto do professor quanto das crianças mesmas. Assim, nesse eixo, privilegiamos, de certo modo, a arte espetacular, no entanto sem abrir mão do caminho da artesanaria e da desmontagem das verdades majoritárias, especialmente no que diz respeito aos lugares da criação e da recepção.

• **Afluentes:** temporalidade pandêmica e a criança *performer*

Os afluentes seriam rios menores que desaguam nos rios principais. Elegi dois textos para o último eixo, apresentando escritas que revelariam exceções, não estivéssemos em plena pandemia: narrativa de uma formação de educadoras da pequena infância que tomou outro rumo, virtual, e de *flashes* de uma vida de criança que não pode ir para a escola, narrados por sua mãe solo: caminhos antes minoritários que se transformam, diante dos percalços da presença invisível do Coronavírus. Tudo mudou! Rios e marés não mais previsíveis... O primeiro texto foi escrito a seis mãos por Sirlene Giannotti, Soraia Chung Saura e Ana Zimmermann, cujo título é “Corpo, memória e imaginação: relato de um percurso formativo de educadores da primeira infância”, um relato no qual já na segunda página ficamos sabendo como a pandemia forçou a mudança de rumo do projeto inicial de formação na Educação Infantil, no ano de 2020. A narrativa surpreende ao propor outro uso das plataformas virtuais de maneira a instalar “um vivido poético”, em nome de uma fenomenologia da imaginação – seja da observação de crianças, seja da experiência mesma *on-line*. O texto mostra que aconteceu uma verdadeira experiência formativa teórico-prática, superando a cisão fazer/pensar. O segundo artigo, último texto da seção temática, foi escrito por Taís Ferreira, que o nomeou por “Criança-performer sem educação infantil: observações da mãe-documentarista em um ano de vida pandêmica”, é a mais completa tradução da chamada proposta para a seção temática. Borrando as fronteiras entre o público e o privado, Taís faz um emocionante e (auto)irônico relato que também une teoria e experiência para nomear a vida pandêmica por “a performance da casa” em 2020, seguida por um “experimento involuntário” em 2021. Finaliza com um elogio à escola para as crianças pequenas, uma espécie de manifesto-depoimento.

Os textos que fecham a seção temática mostram duas realidades distintas, cujas águas movimentaram os adultos na direção da criança de agora – a criança pequena cuja infância acontece durante a

pandemia, sem pares, e diante das relações virtuais, com necessidade de distanciamento, o surgimento de um outro (novo? velho? recorrente?) higienismo; as mulheres professoras da Educação Infantil precisando trabalhar a distância, outro elo com a noção de higiene que procurava bebês limpos e bem alimentados, mas, no entanto, as autoras pesquisam como navegar na adversidade e ancorar nas relações, na conversa, no desenho de memórias desses tempos tão atípicos. E que a resiliência de Taís Ferreira, mãe-documentarista, nos traga uma vela forte para atravessarmos a tempestade. Que a formação criada e recriada na tela do computador transforme tédio em calma, prenúncio da volta ao convívio com novos protocolos e afetividade situada no contexto da pandemia.

Para concluir esta breve abertura, que dá boas-vindas tanto aos autores quanto aos leitores da seção temática, retomo a expressão “especializar imaginações”, que compõe o subtítulo do texto que aqui se encerra. Aprendi e apreendi esse modo de dizer com Doreen Massey (2009), cerca de dez anos atrás, pela leitura de um livro seu, ao mesmo tempo em que eu escrevia o artigo “A criança é *performer*” (2010). Massey foi geógrafa e nos oferece uma noção de espacialidade intrinsecamente politizada, na qual a imaginação humana deve ter lugar privilegiado – e garantido. Interessante pensar a colaboração possível da Geografia de Massey para as artes, de modo que nossa discursividade sobre cenários se amplie para outros horizontes, paisagens e territórios. Lugares para habitar. Fazer arte navegando por rios que nos levam por percursos, afluentes, entroncamentos e raízes. Nessa chave, imaginei, pensei e, agora, concretizamos, todos juntos e misturados, a chamada para os artigos – nessa afinação foram aqui reunidos os textos, diversos e reveladores de maneiras de olhar as infâncias. Modo arquivista, antiestrutural, performativo; modo afetivo e afetuoso como fresta para uma escrita acadêmica situada no campo das artes; modo político que jamais abrirá mão de pensar e exercer a arte como lugar de transformação e convívio. Lá podemos respirar. Lá a criança corre e navega sua vida: em solidão compartilhada, nunca abandonada. Boa leitura.

Marina Marcondes Machado

Primavera de 2021

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane, GLOCK, Clara. A cidade que mata o futuro. **El País**, Caderno Sociedade, 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-27/a-cidade-que-mata-o-futuro-em-2020-altamira-enfrenta-um-aumento-avassalador-de-suicidios-de-adolescentes.html>>. Acesso em: 15 set. 2021.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é *performer*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 115-137. maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11444>>. Acesso em: 15 set. 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço / Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA, Valéria. Missionário divulga foto de criança debilitada. **G1-RR**, Boa Vista, 10 maio 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/missionario-divulga-foto-de-crianca-yanomami-debilitada-em-rede-para-expor-falta-de-assistencia-a-indigenas-aldeias-abandonadas.ghtml>>. Acesso em: 15 set. 2021.